

NARRATIVAS DE VISIBILIDADE: o personagem anônimo no livro-reportagem Holocausto Brasileiro de Daniela Arbex¹

Amanda Costa e Silva²
Universidade Federal de Goiás – UFG
Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM

Resumo

O presente trabalho analisa os personagens anônimos no livro-reportagem Holocausto brasileiro, de Daniela Arbex (2019). O objetivo geral é investigar as histórias de vidas “anônimas” na obra de Arbex, buscando descrever se há humanização e aprofundamento sobre essas pessoas. Os objetivos específicos visam compreender as principais diferenças entre o jornalismo tradicional e o Jornalismo Literário. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, combinando revisão bibliográfica, análise narrativa – com foco, sobretudo, na construção de personagens. O *corpus* teórico engloba estudos sobre Jornalismo Literário e ligados à narrativa. A investigação fornece indicativos de que o uso das técnicas do JL pode proporcionar um olhar sensível sobre o que é relatado, capaz de humanizar a narrativa sobre pessoas anônimas.

Palavra-chave: anônimo; jornalismo literário; livro-reportagem; Daniela Arbex.

Introdução

Compreender como Daniela Arbex explora os alicerces do JL para valorizar a humanização e o protagonismo de pessoas tão “invisibilizadas” no cotidiano da imprensa é o motor desta pesquisa. Muito além de exemplificar possibilidades narrativas, o estudo se justifica em meio a um debate urgente de como as histórias de pessoas tidas como anônimas têm sido contadas ou muitas vezes silenciadas. O intuito é contribuir, nesse aspecto, para os estudos do Jornalismo, seja o Literário, seja o tradicional.

Daniela Arbex é jornalista, escritora e documentarista. Foi repórter especial do jornal Tribuna de Minas por mais de duas décadas. Hoje se dedica à literatura e é autora de seis livros-reportagens, sendo “Holocausto brasileiro” um *best-seller* reconhecido como o melhor livro-reportagem de 2013 pela Associação Paulista de Críticos de Arte e o segundo melhor livro-reportagem na edição do Prêmio Jabuti de 2014. Uma das jornalistas mais premiadas da sua geração, Daniela tem mais de 20 premiações nacionais

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O artigo refere-se a análise narrativa de um dos livros-reportagens feita para a dissertação defendida pela autora, no dia 29/04/2025.

² Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás – PPGCOM-UFG. E-mail: costaamanda7@gmail.com.

e internacionais – entre elas, três Prêmios Esso e um Prêmio IPYS de Melhor Investigação Jornalística da América Latina (2009).

Por meio do método da análise narrativa, especialmente, através dos estudos feitos por Motta (2013). A pesquisa pretende apresentar as estratégias utilizadas por Daniela Arbex na escrita do “Holocausto Brasileiro”. Neste livro-reportagem sobre o malfadado Hospital Colônia, de Barbacena (MG), há muitas histórias individuais conectando-se umas às outras em torno de uma trama maior, com enredos paralelos e intrigas que se encaixam mutuamente.

Hibridismo no JL como proposta para a humanização do relato

Na concepção de Lima (2009), a imersão é vital para a compreensão da realidade. “O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem” (Lima, 2009, p. 373).

O JL possibilita a produção de um texto autoral e isso é resultado da imersão necessária que o repórter precisa fazer para ter acesso a e apreender sobre o assunto que pretende narrar. Livres da obrigação de lutar contra o tempo no fechamento de uma matéria factual, os projetos voltados para o livro-reportagem, por exemplo, proporcionam maior autonomia ao jornalista. Assim propiciam ao profissional maior segurança e subsídio para narrar os fatos, conforme explica Lima (2009).

Enquanto o jornalista está elaborando uma reportagem, parte de sua psiquê fica comprometida com aquele conteúdo, esteja ele (a) ciente disso ou não. Aliás, é esse mecanismo, desencadeado por coberturas de longo prazo, que desencadeiam estados criativos, que permitem ao autor visualizar conexões e sentidos que, às vezes, quem está mergulhado naquele mundo não percebe. É essa criação de sentidos, inovadora, que é percebida como uma lufada de ar fresco num texto jornalístico. (Martinez, 2016, p. 413).

A imersão e o respeito aos relatos dos entrevistados são fundamentais para que o jornalista consiga ser fiel à escrita, especialmente quando precisar transcrever os diálogos na narrativa. Esse esforço proporciona mais realismo à história de vida e demonstra confiança ao que é dito pelo personagem. “As testemunhas oculares que são entrevistadas têm a oferecer, muitas vezes, apenas a sua própria palavra como elemento fiador” (Borges, 2023, p. 475).

A personagem no JL não é meramente uma fonte de informação, ela é a própria informação. Segundo Ormanzeze (2005), um fato estatístico não precisa de um

personagem para ilustrá-lo e sim toda uma história de vida. O que interliga os fatos é o ser humano, e foi essa a postura que a corrente do Jornalismo Literário escolheu para seguir. “Só consegue humanizar uma fonte, quem deixa de lado o mecanicismo imposto pelo jornalista convencional e também se humaniza” (Ormaneze, 2005, p. 125).

É preciso ressaltar que toda narrativa é constituída de início, meio e fim. O personagem que é protagonista pode se transformar ao longo da história, para que de certa forma uma “moral” seja implementada. Outros pontos que merecem reflexões a partir das pesquisas de Motta e Borges é de que diálogos, descrições, ações e, essencialmente, os conflitos fazem com que a narrativa tenha uma condução natural tanto quanto a realidade.

Pessoas anônimas no Jornalismo Literário

As pessoas comuns da sociedade, referidas nesta pesquisa como “anônimas”, são agentes que afetam o mundo em que vivem. Elas têm identidades, histórias próprias, opiniões, anseios, dúvidas e até resoluções para questões sociais. “Os protagonistas do cotidiano, portanto, estão em toda parte, não apenas nos lados obscuros e excluídos da cidade. [...] busca[m] um reconhecimento dado pela mídia. Aparecer significa, neste caso, ser legitimado” (Silva, 2010, p. 52).

Pelo fato de um dos pilares do Jornalismo Literário ser a humanização, ou seja, compreender o outro e se colocar no lugar dele, tal característica faz com que essa corrente tenha como resultado um maior número de reportagens em que o anônimo seja escolhido não meramente como exemplo e sim como “senhor do próprio destino”. É perceptível um aumento de narrativas vivas repletas de protagonistas do cotidiano. Obviamente, é uma herança deixadas por ícones do JL como John Reed e Gay Talese. Ambos são até hoje inspirações para as novas gerações de jornalistas literários.

Os anônimos são personagens. Na narratologia, segundo Motta (2013, p. 195), “personagem é uma construção estratégica do narrador para provocar certas impressões, sentimentos, identificações ou rejeições no receptor ou audiência a respeito da personagem”. A humanização busca compreender o mundo, o diferencial e o universal, no ser humano – independente de status social, questões raciais ou mesmo sexuais.

Lima (2002) afirma que as histórias de vida podem ser instrumentos despertadores da iluminação profunda de quem somos. Independentemente de ser uma pessoa famosa ou anônima, esses seres esperam narradores sensíveis e inteligentes. “Para espelharem,

nas narrativas de suas vidas, aquilo que é semente potencial em cada um de nós” (Lima, 2002, p. 105-106).

A narrativa do cotidiano da gente miúda, anônima, sempre contaminou a arte. Um círculo virtuoso: o artista se sensibiliza diante da vida no varejo e o homem comum se emociona com os poetas. A cumplicidade de ambos cria o laço de comunicação perfeita. Um ouve o outro, porque partilham o desejo coletivo na sua expressão escrita, a da literatura, ou na sua expressão oral, a da oratura. (Medina, 2003, p. 85).

“Não importa se o outro é um presidente ou um catador de papéis. Importa que é um ser humano, com todas suas idiossincrasias, que são justamente o que torna cada um único e interessante” (Martinez, 2016, p. 419). Lima (2002) complementa que o narrador não precisa forçar o entendimento do leitor. Basta exercer com atenção a função de repórter, em um olhar que não busca somente celebridades. “Pousa também com curiosidade, com empatia, afetuosamente, sobre figuras anônimas. E não apenas indivíduos. Abarca no escaneamento de compreensão da realidade grupos sociais inteiros” (Lima, 2002, p. 97).

Para Pena (2022), fazer Jornalismo Literário é potencializar os recursos do próprio jornalismo – rompendo as “correntes” burocráticas do *lead* e ultrapassando os limites dos acontecimentos, propondo visões mais amplas da realidade. “E, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (Pena, 2022, p. 13).

As narrativas em JL perpassam o tempo e podem ser lidas por muitas gerações. O “Holocausto brasileiro”, completou 12 anos e se tornou um dos livros-reportagens mais lidos no Brasil, não somente por jornalistas, mas também por profissionais das áreas de psicologia, direito e medicina. É exemplo de obra jornalística atemporal com extrema relevância social.

Holocausto brasileiro

“A primeira vez que vi as fotos do Hospital Colônia feitas, em 1961, pelo fotógrafo Luiz Alfredo para a revista O Cruzeiro, fiquei profundamente impactada. Nunca tinha me deparado com nada parecido” (Arbex, 2019, p. 271). Isso ocorreu em 2009, quando a então repórter do jornal *Tribuna de Minas*, de Juiz de Fora, entrevistou o psiquiatra mineiro Jose Laerte. Em 2011, quando as fotos de Luiz Alfredo completaram 50 anos, Arbex sugeriu a pauta e enfatizou a necessidade de encontrar os ex-pacientes.

Na busca por 190 sobreviventes, Daniela Arbex relata que uma das maiores emoções que sentiu foi quando encontrou o primeiro deles. “Tive a certeza de que tudo aquilo acontecera de verdade, porque, apesar da existência das fotos de Luiz Alfredo, era como se eu não quisesse acreditar em tamanha dor” (Arbex, 2019, p. 273).

A repórter, durante os dois anos de investigação, entrevistou ex-funcionários e internos do Colônia para resgatar as histórias de quem viveu de perto o horror naquela instituição. O hospital psiquiátrico, que em tese existia para tratar pacientes com “transtornos mentais”, maltratou e matou com o consentimento do Estado (gestor do Colônia), de médicos, funcionários e da sociedade. Apesar das inúmeras denúncias feitas a partir da década de 1960, mais de 60 mil internos morreram e os sobreviventes tiveram as vidas marcadas de forma definitiva.

“O pavilhão Afonso Pena” é o primeiro capítulo do livro-reportagem. A narrativa começa com uma das marcas da literatura realista identificadas por Tom Wolfe (2005), a descrição cena a cena. Essa técnica refere-se a contar uma história passando de cena para cena, recorrendo o mínimo possível à narrativa histórica. **Marlene Laureano**³ espiando na janela, saindo do quarto em direção à cozinha, tomando um rápido café e, na rua, o barulho do sapato indicava que ela tinha pressa. A moça de 20 anos iria “naquela segunda-feira de 1975” começar o trabalho de atendente psiquiátrica no Colônia.

A jornalista-escritora vai passo a passo com a personagem como forma de descrever ambientes e também caracterizar a protagonista da história. O cenário é o “Afonso Pena”, um dos sete pavilhões com aproximadamente 1.500 metros quadrados. “Um cheiro insuportável alcançou suas narinas. Acostumada com o perfume das rosas do escritório da Brasil Flowers” (Arbex, 2019, p. 22) – local que trabalhava anteriormente.

É possível perceber um rimo dado à narrativa, em que personagem e cenário são apresentados ao mesmo tempo em que a ação se desenrola, evidenciando uma forma de reconstituir os fatos passados de forma próxima ao que a literatura faria. Reuter (2002) pondera a esse respeito quando esmiúça determinados componentes da narrativa ao falar da interação orgânica que deve haver entre “Ações, Sequência e Intriga”: “Toda história se compõe de *estados e ações*” (p. 29, grifos do autor).

Daniela Arbex situa a ação dessa personagem em uma cena narrativa que lhe empresta corpo e materialidade, permitindo que quase a visualizemos em suas atitudes

³ O nome de cada personagem aparecerá em negrito como forma de destacá-lo na análise narrativa do anônimo.

cotidianas, reforçando sua existência para além do texto, no mundo empírico, no plano da realidade, incluindo até mesmo sentidos como o olfato.

Marlene foi surpreendida pelo odor fétido, vindo do interior do prédio. Nem tinha se referido de tamanho mal-estar, quando avistou montes de capim espalhados pelo chão. Junto ao mato havia seres humanos esqueléticos. Duzentos e oitenta homens, a maioria nu, rastejavam pelo assoalho branco com tozinhos pretos em meio à imundície do esgoto aberto que cruzava todo o pavilhão. Marlene sentiu vontade de vomitar. Não encontrava sentido em tudo aquilo, queria gritar, mas a voz desapareceu da garganta. (Arbex, 2019, p. 22).

Há uma riqueza de detalhes sobre esse primeiro dia de trabalho de Marlene, como por exemplo, “o ar gelado cortava o rosto da jovem” – o verbo cortar no sentido figurado é usado para intensificar o frio. A narrativa é enriquecida com as sensações da personagem, o contraste da satisfação por ter passado em 10º lugar no concurso do Estado e o choque que ela sentiu nos primeiros afazeres ao lavar a ala repleta de fezes e urina dos pacientes e também de ratos, que circulavam por ali.

A autora utiliza o relato da depoente para fazer com que a narrativa volte “naquela segunda de 1975”. Os verbos estão no presente, mesmo a história se referindo ao passado, o que demonstra ter sido uma estratégia para prender o leitor e remetê-lo ao cenário das experiências vividas por Marlene. A análise indica apuração da repórter com o intuito de conferir consistência sobre o ocorrido.

Refazer episódios, resgatar falas e reações, trazer à tona sentimentos há muito tempo experimentados requer um grande esforço de apuração, mas também a consciência de que ruídos, imprecisões, detalhes perdidos estão em jogo nesse processo. A memória é falha e omissa em vários momentos, de forma deliberada ou não, e essas lacunas, propositais ou involuntárias, precisam ser trabalhadas com os devidos cuidados, com o necessário rigor, mas também com a compreensão de como o ato de lembrar funciona (Borges, 2023, p. 180).

Com cada uma das numerosas personagens que passam por “O Holocausto brasileiro”, Daniela Arbex busca fazer algo parecido: dar corporeidade a esse indivíduo para que, assim, possamos acreditar em seu testemunho. Eles deixam de ser meros números para se tornarem pessoas reais, com histórias, sentimentos e traumas. Esse é um aspecto fundamental quando se trata de trazer à tona testemunhas, como salienta a autora Bosi (2023).

“Desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos” (Arbex, 2019, p. 25). **Maria de Jesus**, paciente de apenas 23 anos, foi internada no ano de 1911 simplesmente porque apresentava a tristeza como sintoma. Essa anônima fazia parte da “escória”, da qual a sociedade queria se livrar. Uma testemunha do horror que, antes do relato de Arbex,

estava condenada ao esquecimento completo de um prontuário perdido em algum arquivo empoeirado, sem que sua existência, ainda que trágica, fosse notada por gerações.

“Em 1930, com a superlotação da unidade, uma história de extermínio começou a ser desenhada. Trinta anos depois, existiam 5 mil pacientes em lugar projetado inicialmente para 200” (Arbex, 2019, p. 25). Foi nesse período que as camas foram substituídas por capim. A troca foi sugerida pelo então chefe do Departamento de Assistência Neuropsiquiátrica de Minas Gerais, **José Consenso Filho**.

A descrição feita de como os pacientes dormiam, por exemplo, permite ao leitor imaginar o sofrimento daqueles anônimos no Colônia. Arbex conduz a narrativa no intuito de também fazer com que o leitor passe a ter empatia por aquelas pessoas invisibilizadas. Além de reforçar o potencial humanizador que evidencia a imersão e o rigor de apuração – orientações e características próprias da reportagem em JL.

“A herança do Colônia” é o último capítulo do livro-reportagem e também o desfecho da história de vida da personagem **Marlene Laureano**. “Testemunha do holocausto brasileiro, a funcionária resistiu aos piores anos do hospício sem dizer uma palavra do que viu” (Arbex, 2019, p. 262). A narrativa começa descrevendo a anônima indo ao cinema e a expectativa dela para a primeira viagem internacional. Na descrição física, o aspecto é de cansaço e envelhecimento. “Apareceram vincos na testa e próximos aos lábios e também pequenas rugas em volta dos olhos” (Arbex, 2019, p.261).

Arbex apresenta características da personagem que ficou no Colônia não só por piedade, mas também pela “segurança” do serviço público. Denunciar o sistema? Fora de cogitação para a anônima que, aos 23 anos, tinha perdido os pais. Portanto, a narrativa justifica o fato de ela ter permanecido no trabalho mais de quatro décadas para a sua sobrevivência.

Ao conhecer o pavilhão Afonso Pena, em 1975, ela jamais poderia supor que permaneceria no emprego por tanto tempo.

Ao final do primeiro dia de trabalho, quando recebeu a tarefa de lavar o pavilhão e colocar para secar o capim onde os internos dormiam, Marlene teve a certeza de que não ficaria lá. [...] Passou a noite acordada dizendo para si mesma que nunca mais pisaria lá. No dia seguinte, porém, voltou. (Arbex, 2019, p. 262).

Arbex, que está na função de narradora onisciente, retoma a história de Marlene. Ela utiliza uma estratégica literária clássica, muito empregada também no cinema. A narrativa cíclica é a que inicia e termina no mesmo ponto. O sentimento causado no leitor é o de surpresa, pois, quando a personagem retorna, logo se tem a sensação de que já a

conhecemos. Fora a surpresa, é perceptível também uma completude do que ficou “em aberto” anteriormente.

No último capítulo, a funcionária do Colônia é descrita como uma “solteirona”, sem filhos. O medo dela era dar à luz a uma criança “com doença mental” que fosse condenada a sofrer os mesmos preconceitos que os meninos de Oliveira enfrentaram. “Mas o título de mãe lhe foi dado por dezenas de pacientes que encontram nela tratamento digno” (Arbex, 2019, p.266). É observado, que nesse trecho, há uma “conclusão” dada pela própria autora, afinal isso não é dito pela personagem e muito menos por outras fontes.

Através da análise narrativa, é possível observar uma certa romantização da personagem. Todo o texto é construído no sentido de justificar a permanência, o silêncio de décadas e a postura humanizada que ela passou a ter com os pacientes. Assim, o leitor passa a compreendê-la, sendo tomado pela empatia ao se colocar no lugar de Marlene. Afinal, que servidor público que acabou de perder os pais não ficaria no Colônia?

A conclusão do livro-reportagem faz com que o leitor reflita sobre o passado, conectando-o com o presente. Arbex enfatiza que a história do Colônia é nossa história. “Ela representa a vergonha da omissão que faz mais e mais vítimas no Brasil. Os campos de concentração vão além de Barbacena. Estão de volta nos hospitais públicos lotados” (Arbex, 2019, p. 270). Não somente nos hospitais, mas em todos os lugares que estão repletos de anônimos invisibilizados. Tendo suas histórias de vida omitidas, silenciadas e, quando narradas, muitas vezes apresentadas de forma estereotipada, provocando ainda mais preconceitos.

Resultados

No jornalismo, o (extra)ordinário é o que foge do comum ou do esperado. Nesse sentido, o repórter busca por assuntos que quebram a rotina e que mereçam atenção imediata. Critérios de noticiabilidades como ineditismo, surpresa, impacto, comoção são alguns valores que elevam o interesse nas redações, transformando assim esses assuntos em temas de coberturas jornalísticas. “O homem que morde o cão”, na visão de Traquina (2008), é o que a imprensa, de maneira geral, enxerga como um fato detentor de qualidade “digna”, capaz de merecer atenção.

A ruptura de padrões e o uso da criatividade para contar histórias é o que a corrente do Jornalismo Literário acredita ser o melhor caminho a seguir. Para isso, os jornalistas que se filiam a essa escola “bebem” na fonte da literatura na tentativa de construírem coberturas jornalísticas atemporais e que transformam muito mais do que informam. Sobretudo, ele propõe romper com a estruturação textual da pirâmide invertida baseada no *lead* – o quê?; quem?; quando?; onde?; como?; por quê? – como forma de nortear o texto.

Infelizmente, há milhares de anônimos invisibilizados ou estereotipados todos os dias pela cobertura midiática. Contudo, por meio da análise narrativa do livro-reportagem “Holocausto brasileiro” (2019), de Daniela Arbex, é perceptível um aprofundamento da pauta e a utilização do hibridismo do JL para a humanização do relato. Na história do Jornalismo Literário, há diversos outros exemplos sobre a narração do anonimato, como o clássico *Fama & anonimato*, de Talese (2004).

“Holocausto brasileiro” é uma reflexão sobre o passado, conectando-o com o presente. Arbex enfatiza que a história do Hospital Colônia, que ceifou a vida de milhares de “pacientes” em oito décadas, faz parte também da nossa história. “Ela representa a vergonha da omissão que faz mais e mais vítimas no Brasil. Os campos de concentração vão além de Barbacena. Estão de volta nos hospitais públicos lotados” (Arbex, 2019, p. 270).

Em “Holocausto brasileiro”, destacam-se o uso de descrições de cenários e a valorização da narração por meio de diálogos dos personagens. Além disso, também há a utilização da voz narrativa em primeira pessoa, ou seja, Arbex aparece em vários momentos ao longo do livro-reportagem se expressando, se indignando e até como personagem ao visitar o Cemitério da Paz. Percebe-se, ainda, uma preocupação da escritora em fornecer dados, estatísticas e fotos de documentos no sentido de “comprovar” o que está sendo narrado.

Por meio da análise narrativa é observado que em vários momentos da narrativa os anônimos, especialmente os que foram internados no Colônia, são somente citados ou aparecem como coadjuvantes da trama. Arbex humaniza a história, por meio dos relatos dos personagens – porém, não dá protagonismo a muitos deles.

Referências

- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro: genocídio** – 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. São Paulo: Intrínseca, 2019.
- BORGES, Rogério. **Contar para viver: história, jornalismo e literatura em narrativas biográficas e autobiográficas**. Florianópolis: Editora Insular, 2023.
- _____. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Histórias de vida em jornalismo literário avançado. **Comunicarte**, n. 25, p. 93-107, 2002.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: UnB, 2013.
- ORMANEZE, Fabiano. Eu sou o outro e o outro sou eu. A humanização no Jornalismo Literário. **Conectiva – Revista de Estudos Midiáticos**, v. 1, n. 5, jul./dez. 2005.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2022.
- REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- SILVA, Francilene de Oliveira. **O “anônimo” no Jornalismo Literário: protagonistas do cotidiano na Revista Piauí**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.
- TALESE, Gay. **Fama & anonimato**. Trad.: Luciano Vieira Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008. v. 2.
- WOLF, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução José Rubens Siqueira; posfácio Joaquim Ferreira dos Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.